ANNO 9.º Sexta-feira, 8 de Setembro de 1916 (AVENÇA) NUMERO 438

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Officina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Os arranjistas

Houve-os em todos os tempos e parece que é da triste condição humana que os haja até á consumação dos seculos... E' especie de gente que tem propriedades de escalracho e, por isso, não será facil —se é que é possivel—extingui-los.

Rezam velhas crónicas que floresceram em todas as antigas civilisações, desde a China lendaria até ao hieratico Egipto; nas classicas Grecia e Roma arranjaram-se sempre o melhor que poderam, isto é, optimamente e o mesmo fizeram durante as trevas medievais; finalmente, nos tempos modernos e contemporaneos, continuaram seguindo as mesmas, senão gloriosas, pelo menos proveitosas tradições.

Pelo que se refere propriamente a Portugal, teve sempre o arranjismo, entre nós, insignes cultores, isto é, belos arranjistas. No tempo da monarquia pululavam, constituindo legião, sendo até, os mais cotados, conhecidos pela designação de *tubarões*. Sob a Republica, não pululam menos, se é que não pululam mais.

E' vê-los, cómo que de vento em pôpa, a crescer, a prosperar. Como nem principios, nem vergonha, nem convicções lhes pesam na consciencia, nem na inteligencia, apontam a todos o rumo donde sopra o vento das mercês; como caracter é coisa que só de nome conhecem: tomam a travessia politica que mais lhes convem.

Papam missas e engolem hostias com a mesma facilidade com que se filiam na Associação do Registo Civil, se de aí lhes resulta proveito; simulam de monarquicos, de indiferentes, de republicanos, ou, até, de anarquistas com tal mestria e ostentando, em cada uma destas metamorfoses, tão *sincera* e *fervorosa* crença que, quem ignorar que o unico credo verdadeiro de tal gente é a barriga e que não terão a menor duvida em apunhalar amanhã o ideal que hoje fingem defender, corre o risco de os tomar a sério.

Como, por uma questão de afinidade moral, se auxiliam quanto podem uns aos outros, os que estão em cima dão, em tudo o que lhes é possivel, a mão aos que ainda estão em baixo e, deste modo, vai a tribu dos arranjistas sempre trepando e prosperando, instalando-se nas melhores *pastas* e chamando tolos aos que não lhes perfilham os processos de *saber viver*.

E' verdade que o facto tem seus inconvenientes; mas parece que ninguem os vê, nem deseja vêr.

Um deles é que, se ámanhã um perigo gráve ameaçasse o regimen republicano, todo esse arranjismo, desde o mais altamente colocado até ao que agora começa apenas a trepar, se meteria em copas a vêr em que paravam as modas.

Assim se veria a Republica, em horas gráves, privada de numerosos auxilios com que julgaria poder contar. E, se as modas parassem na restauração da monarquia, todo esse arranjismo, que agora por aí ostenta fervente republicanismo e inquebrantavel dedicação ás instituições vigentes, imediatamente romperia em entusiasticos *vivas* a D. Manuel, ou a D. Miguel.

A ditadura Pimenta de Castro, ultimo caso que os pôz á prôva, mostra bem que assim seria...

Reles gente, os arranjistas. Reles e perigosa.

Films...

Ainda a ditadura

Lêmos não nos recorda bem em que jornal que um transfuga republicano, convertido á reacção monarquica, escreveu algures que a ditadura Pimenta de Castro *só teve o defeito de ser exageradamente mansa e angelicamente fraca.*

Pois se assim foi, para a outra vez é faze-la mais brava.

Queremos vêr isso...

Convite

Num envelope cujo carimbo exterior indicava proceder da repartição do governo civil, recebemos uma carta, convidando-nos a ir á estação cumprimentar o sr. presidente do conselho de ministros, que passava para o Gerez.

Como, porêm, a essa carta faltasse a assinatura, não nos julgámos de modo algum obrigados a saír de casa, visto desconhecermos a pessoa que *tinha a honra* de nos convidar.

Cada vez tudo mais á matroca.

Acontecimentos

A pena de morte, ora introduzida na Constituição para o exercito em campanha, deu logar a que no Parlamento e fóra dele se produzissem tumultos, havendo pranchada russa, pedrada bravia e tiros sem conta, não constando, todavia, que tivésse morrido alguem.

Antes assim. Para que se não dissésse que começavam logo as execussões sem respeito pela *união sagrada*...

Acabou o "Riso,,

Dá-nos conta o *decano*, em curto necrologio, da *suspensão do presado camarada local*, que era um dos esteios da *bôa imprensa* desde que se propôz secundar os colégas no levantamento do nivel...

Tambem sentimos. Porque, estão a vêr, acabando o *riso*, acaba-se-nos a alegria...

O caso de Coimbra

Não se dignou, pelo menos até hoje, o sr. ministro da instrução tomar quaesquer providencias sobre o que se passou ultimamente na Universidade de Coimbra apezar dos esclarecimentos da imprensa ácêrca do professorado que a compõe.

A moralidade republicana contínua, sem desdouro, a assinalar-se em Aveiro

Para honra do sr. governador civil e proveito do afilhado Chico da Encarnação, exerce este ainda os seguintes logares:

Amanuense do governo civil, com o ordenado de	**360$00**
Secretário da Estatistica, com o ordenado de	**90$00**
Administrador do concelho e comissario de policia, com o ordenado de	**400$00**
Emolumentos (segundo um calculo baixo)	**95$00**
Secretário da Comissão Distrital do partido democratico, com o ordenado de	**36$00**
Total	**981$00**

Como se vê, a Republica não regateia a paga aos que *dedicadamente* a servem, levando o *sacrificio* até ao ponto de acumularem todos os empregos remunerados que apareçam e de se habilitarem a outros que melhor lhes possa servir o seu *desinteressado* patriotismo...

Por esse lado, o 5 de Outubro foi a salvação... de muitos que sofregamente pretendiam ser uteis ao país, por este ou outros processos identicos de se... governarem.

Querem prova mais frisante?

Se alguem se admira disso, nós, franquêsa franquesinha, nunca esperámos outra coisa. Por muitos motivos e ainda mais este—a Republica só foi proclamada para beneficio dos monarquicos.

Não lhes toquem...

INDULTO

Devido ás solicitações instantes do nosso govêrno, a Inglaterra, que lhe havia perdoado já a pena de morte, acaba de restituir á liberdade o protogonista da tragedia a bordo do paquetê *Desejado*, Oliveira Coelho, que, como é sabido, assassinou a esposa, em viagem para o Brazil, castigando assim a sua infedelidade.

Para este *desideratum* muito contribuiu a visita que os ministros portuguêses fizéram ha pouco áquele país.

O AÇUCAR

Apezar de ter chegado grande quantidade a Lisboa, as autoridades ainda se não dignaram providenciar para que Aveiro fosse beneficiado com algum. Para quando esperam? Os pobres precisam de o ter mais barato e portanto vamos a resolver depressa o assunto.

Basta de paliativos!

TRANSCRIÇÃO

O nosso colega *Écos de Cacia* honrou-nos com a inserção nas suas colunas do artigo—*Um perigo nacional*—pertencente ao penultimo numero do *Democrata*.

Agradecemos.

Dr. Antonio José de Almeida

Na segunda-feira desta semana, passou em Aveiro, com destino ao Gerez, o ilustre chefe do governo, sr. dr. Antonio José de Almeida.

A' hora da chegada do *rapido*, que trazia 20 minutos de atrazo, encontravam-se na *gare* diversas autoridades, funcionarios publicos, oficialidade e numerosas pessoas que saudaram com entusiasmo o respeitavel viajante que nele seguia.

A banda dos Bombeiros Voluntarios executou o hino nacional, sendo queimada uma salva de morteiros e algumas girandolas de foguetes.

A' partida do comboio o sr. dr. Almeida ergueu um viva á Republica o qual, entusiasticamente correspondido, foi coroado por uma vibrante salva de palmas.

TEATRO AVEIRENSE

Sempre se realisam nos proximos domingo e segunda-feira os dois espectaculos pela Companhia do Teatro Nacional de Lisboa que representará, no primeiro dia, o emocionante drama *Correio de Lyão* e no segundo a peça em 4 actos, de Marcelino Mesquita, *Pedro, o cruel*, que constitui o maior sucesso da presente época teatral.

O resto dos bilhetes continuam á venda na *Tabacaria Reis*, aos Arcos, não devendo os que pretendam assistir a estas duas recitas sensacionaes deixar de ir marcar os seus logares quanto antes, sob pena de ficarem sem eles.

Cartas intimas

Ex.^{mo} Sr.

A segunda e presada carta que V. Ex.ª me dirigiu, complemento da primeira, encontrou-me num estado de espirito tal, que não tenho expressões nem palavras para dele dar-lhe uma palida, uma apagada descripção.

Contei os minutos que decorreram entre a recepção duma e da outra e pouco a pouco de mim se foi apoderando uma tal excitação, que me senti sériamente ameaçada das graves consequencias que esse estado poderia provocar. As suas primeiras misteriosas palavras déram margem a que pela minha imaginação perpassassem centenas de ideias, de possibilidades, de cousas que, algumas delas, ainda as mais inverosimeis e disparatadas, não conseguia, comtudo, arreda-las da mente, tal a agitação em que me encontrava.

Deixe-me, porêm, dizer-lhe que, de mistura com o turbilhão de pensamentos que surgiam no meu cérebro, amiudadas vezes, numa persistencia notavel, formulava-se esta interrogação:

— Estará o D. apaixonado pela L.? Aquele turbulento e risonho moço abriria o coração aos encantos da prima, resolvido a entrar no verdadeiro caminho da tranquilidade e da ventura?

Assim, os calculos a respeito da fórma como eu receberia a noticia da sua paixão, saíram absoluta e completamente errados. Em vez das sonoras gargalhadas previstas, da galhofa antecipadamente esperada, sobreveio a reflexão, pesada e fria, que a sua participação naturalmente produziu. Eu reputo o casamento, meu caro senhor, o passo mais gráve que qualquer pode avançar em toda a sua vida. A ele para sempre se liga o nosso nome, a nossa existencia, o nosso amor. Ainda que pareça que não. Ainda que venha o divorcio, mesmo a separação simplesmente, sem a latitude de liberdade de acção que estabelece o primeiro; que tudo isso venha como benéfico lenitivo e refrigerio salutar para uma situação intima, desesperada e insustentavel, o novo estado de cousas, que a nova situação cria, para quem uma só vez verdadeiramente amou, afunda, afoga numa dôr intensa toda a felicidade, toda a ventura sonhada!

E, como espinho cravado donde o não podemos arrancar, a desventura, a intima infelicidade fez casa, permita-me o termo, dentro do proprio coração que no seu ritmo persistente, tambem avoluma a ferida, agrava a chaga!

Porque nem sempre podemos subordinar a uma previa e calculada observação, as qualidades e primores que possue aquela que pretendemos amar. Não sei onde li esta grande verdade: *desde o momento em que vêdes aureolada de luz a mulher que passou, estaes perdido, amaes. Só vos resta então pensar nela tão fixamente, que ela se veja forçada a pensar em vós.*

Nesta situação não ha que refletir. Quando nós sentimos presos em taes condições, o que creio tanto sucede ao homem como á mulher, não ha reacção possivel e como ao nadador extenuado que só pensa manter-se ao cimo de agua, entregando-se á violencia da corrente que não póde vencer, o

homem vai arrastado, envolto, preso á sua paixão, sem outro remedio, sem outro governo. Salva-se? Naufraga? Só o futuro o póde dizer.

Comtudo, a tragica, a fatidica aureola de luz que descobrimos na mulher que passa e que toca o coração, é fenomeno raro, é, felizmente, num pequenissimo numero. Porque então teriamos, meu caro senhor, de admitir que, nomeadamente no meio em que vivo, no maior numero de *ménages* aqui estabelecidos, havia aparecido a tal auréola de luz e daí a desarmonia profunda, o contraste que se nota á mais leve observação.

Com a maior estranheza, para quem não comunga no emprego de tais processos, vêmos aí a cada passo, trazidas para a sociedade, mulheres das mais baixas condições sociais, que bachareis, medicos, funcionarios publicos sem rebuço de especie alguma, fazem suas esposas!

Isto não é de agora. E' de ha muito. De aí, como compreende, o desiquilibrio, a desarmonia que dá em resultado a falta de convivencia, um acanhamento de aproximação, porque sobrevem o natural e justificado receio dos mais rudimentares conhecimentos da sociedade em que tem de viver. Ora com certeza não será este estado de cousas consequencia da fatidica auréola de luz que tinha iluminado todas as *carêtas* dessas creaturas que a imbecilidade dum homem quer fazer alguem, trocando-lhe a chinela pelo sapato, o chaile e o lenço pelo chapeu de luxo e de preço, que a falta de uso obriga muitas vezes a não saber colocar ou a usa-lo comica e exageradamente.

V. Ex.ª não teve, portanto, a desdita de vêr a prima aureolada. Viu-a serena e minuciosamente cuidada. Examinou-a com olhos de bom e consciencioso observador. Do seu exame resultaram as conclusões mais completas e perfeitas. Não se enganou, posso afirma-lo. Sua prima é um anjo. Reune todas as qualidades que fazem uma mulher digna e um homem feliz. O futuro pertence ainda mais aos corações do que aos espiritos. Eu não sei, nela, qual das duas cousas será mais brilhante. Como eu, define assim o amor pela penna do grande genio que o escreveu: *redução do universo a uma só creatura, dilatação de uma só creatura até Deus!*

Assim, achou o segredo da vida: sua e dela. Fundir e consubstancia-la numa angelica e sagrada unidade; torna-la dois termos de um mesmo destino, duas azas de um mesmo espirito, deve ser agora o seu unico objectivo.

Ecoou no meu coração o seu apelo. Escreverei a L., não para convencê-la nem mostrar-lhe o que ela de sobejo conhece: as qualidades morais e os dotes de espirito de V. Ex.ª, mas para que ela receba no seu seio, acaricie aos seus ouvidos as palavras que lhe levarão a alegria enorme, formidavel, que me invade a alma e alarma sorridente o coração. Sua prima possue todos os requisitos indispensaveis a uma mulher que traz ao homem, além dos seus encantos e do seu amor, a grandeza e a elevação de todos os sentimentos generosos e bons. E' digna herdeira das qualidades elevadissimas de seus paes. Por mim, agradeço-lhe enternecida, a sua delicada e amabilissima lembrança, acordando a possibilidade de que o dia destinado á feliz consumação do seu desejo, fosse tambem aquele em que eu eternamente me consagrasse á suprema ventura de unir o meu destino ao do meu querido S., que Deus defrontou na estrada espinhosa da minha vida. Não é nada do outro mundo. Não é verdade?

Aperte a mão efusivamente á L., até ao momento em que a possa cingir ao meu peito e beija-la, orvalhando-lhe a face com lagrimas de intensa comoção e de profunda alegria.

Antes de terminar quero transmitir-lhe uma nota comica. Dei a entender ás tias, sem mais esclarecimentos, a possibilidade do proximo casamento da L. Uma delas observou logo: *Que desde o principio do mundo o dragão negro do pecado avassalava a terra!*

Que ideia farão da humanidade esta e outras creaturas que assim pensam?

A questão do *Palma* embrulha-se na proporção do descaramento com que a situação se agrava. Agora aparece uma mãe de dois filhos gemeos a fazer valer os seus direitos!

Mas os padres são como varios roedores... Eles destroem e danificam tudo na dispensa. Quem foi? Os ratos; nunca se colhe qual de entre eles é o verdadeiro responsavel...

Com os meus respeitos, a maior estima e afetuosa consideração da que é

De V. Ex.ª
creada e obgd.ª

Aveiro, 6—9.º—916

E. de M. C.

ONTEM E HOJE

A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

mantem as suas tradições de ha um seculo

—=—(*)=—

No orgão dos *Adelaides* apareceu ha dias um artigo firmado pelo camaleão Cunha e Costa sobre a Universidade de Coimbra, em que não só se defendem os *Fezes* como se fazem afirmações que são uma verdadeira antitese do que pensava em 1907 o correligionario do ex-consul de Banana.

E se não compare-se o que ele escreve hoje com o que disse nesse ano numa conferencia realisada na Sociedade de Geografia sob o têma—*A Universidade*—conferencia que o *Seculo* reproduziu e de onde extratâmos os seguintes periodos:

. . . .

E' nas Universidades e, em geral, nos institutos de ensino superior, que pouco a pouco se vai creando o que se convencionou chamar *espirito scientifico moderno*. O ensino superior tem por objecto principal *ensinar a estudar*, preparando os cérebros adolescentes para todas as audacias do incontentavel e irreverente espirito moderno. O academico do ensino superior europeu não é um *borrador* de citações mal condimentadas e dirigidas: é o maravilhoso instrumento de creação, assimilação e vulgarisação de ideias. E' isso precisamente que a faculdade de direito não fornece. Em relação ao movimento scientifico europeu a faculdade de direito, com raras excepções, está atrazada um seculo. O espirito que a anima é o do seculo XVI.

A esse espirito só cérebros excepcionalmente temperados resistem.

O orador conheceu verdadeiras capacidades anuladas pela borla de chumbo e capelo de marmore. Para as naturezas de *élite*, a Universidade é um sarcofago, quando não é uma vinagreira. Vinho generoso que ali caiu, azedou.

Assim se explica que a faculdade se tenha conservado estranha a todas as revoltas da consciencia juridica do paiz contra o despotismo eventual dos governantes. Nem a Universidade podia proceder por outra fórma. Os despotas são seus filhos, feitos á sua imagem e semelhança, e a Universidade só é madrasta para os rebeldes como Teofilo Braga e Julio de Vilhena e tantos outros, que tiveram de ceder o seu logar á edificante selecção dos *zeros*.

A faculdade de direito não só perdeu o contacto com o pensamento moderno, como contraria esse pensamento, quando a viril e fecunda curiosidade dos vinte anos ousa romper a tragica tradição da imobilidade. Então, do alto dos velhos doutoraes, com os seus olhos incendidos e a dextra autoritaria, —a pedantocracia oficial fulmina o iconoclasta com todo o peso... dos calhamaços seculares. E deante das lombadas agressivas dos *paes velhos*, Comte, Littré, Spencer, Ihering e outras pessoas de particular ogerisa catedratica fogem espavoridos para logares onde não vigore o fôro academico.

. . . .

O orador fala tanto mais desapaixonadamente quanto foi um excelente estudante e conserva da vida de Coimbra as recordações mais gratas. Com efeito, a Universidade não faz bem nem mal desde que possua a resistencia mental suficiente para não a tomar a sério. Então paga-se a divida á Minerva como quem paga uma letra de cambio em cinco prestações. Obtida a carta de *alforria*, a que outros chamam carta de bacharel, o estudante, vacinado dos lentes, pelo convivio dos livros, aceita a luta pela vida, como ela é, dentro da ardente vibração do espirito moderno. Mas nem todos possuem essa faculdade de resistencia; os que a não possuem ficam lamentavelmente aleijados, trazendo da Universidade o vinco de todas as capitulações, humilhações e subserviencias.

Não é o orador que o diz: são dezenas de espiritos brilhantissimos que na vida pratica teem dado provas da maior competencia. E' preciso que se saiba que as campanhas contra a Universidade não teem sido dirigidas por cabulas. Os *rebeldes* são homens que fizeram excelentes cursos. O orador já citou Teofilo Braga e Julio de Vilhena; citará agora Alves de Sá, de quem lê alguns trechos; e para que se não diga que o caminho do doutoramento não é o de ha um seculo, o orador vai lêr tambem alguns periodos de *Palito Metrico*, que, sob uma forma jocosa, fotografou a Coimbra do seculo XVIII que é, *mutatis mutandis*, a Coimbra do seculo XX.

Diz ainda o mesmo jornal que o orador, num apêlo de grande eloquencia, se dirigiu aos academicos presentes, sem distinção de partidos politicos, concitando-os a prepararem o futuro do país pelo contacto intimo com o espirito moderno e pela pratica das virtudes que teem por base a perfeita integridade.

Pois hoje é o que se está vendo. Cunha e Costa esquecido das suas antigas opiniões julga a Universidade de Coimbra e os seus professores de direito a ultima maravilha do mundo!

Querem-no mais tranquilheiro?

DR. ANTONIO LEITÃO

Tomou posse de sub-delegado e guarda-mór de saude de Lisboa, no dia 31 de agosto, logares que conquistou por concurso, o nosso presado conterraneo, dr. Antonio Nascimento Leitão.

Congratulando-nos com o facto por representar uma afirmação mais de inteligencia do amigo que tanto se tem distinguido desde os bancos da escola, daqui o felicitâmos muito sincéra e afectuosamente.

Na Belgica

—=(*)=—

A *Gazette de Lausanne* publica uma correspondencia de Bruxelas, contando que, apezar das severas proibições e das ameaças de castigos feitas pelo general Hurt, governador alemão de Bruxelas, a população conseguiu celebrar a festa nacional belga, no dia 21 de julho, com toda a solenidade. A's 11 horas da manhã, algumas centenas de milhares de pessoas, vestidas com os seus fatos domingueiros, reuniram-se na praça de la Monnaie donde saiu um imponente cortejo que tomou pela rua Neuve. Soldados alemães, com a baioneta armada, guardavam a rua de Saint-Michel que leva á praça dos Martires.

Uma imensa multidão atravessou a rua de Saint-Michel com a cabeça descoberta para saudar os tumulos dos patriotas que morreram pela independencia da Belgica.

Ao mesmo tempo o cardeal Mercier, acompanhado do novo nuncio papal, mons. Locatelfi, assistiu a um *Te-Deum* na catedral, e pronunciou uma alocução afirmando que, dentro de quinze anos, a Belgica celebrará o centenario da Liberdade e da independencia, que ninguem conseguirá tirar-lhe.

A multidão aclamou o prelado e, depois, entoou o hino nacional *Brabançonne*, ao passo que na rua Neuve outra multidão continuava a desfilar, levando todas as pessoas laços verdes, côr da esperança.

Por ordem do governador, todos os estabelecimentos estavam abertos, mas os seus proprietarios recusavam-se a servir os freguezes, excepto os que compravam laços verdes. Nos mostradores das lojas, havia letreiros dizendo o seguinte: *Vendemos fitas vermelhas ou azues a 10 francos o metro; mas as fitas verdes custam apenas 25 centimos o metro e são iguais ás outras.*

Tambem noutros estabelecimentos se exigia um preço exagerado pelos objectos á venda, a fim de se fazer compreender que a loja estava aberta apenas por ordem superior, mas que não queriam vender.

A' tarde, quando o cardeal Mercier se dirigiu para a estação do caminho de ferro, a fim de voltar a Malines, muitos milhares de manifestantes cercaram a carruagem em que ia o prelado, cantando a *Brabançonne*. Então, intervieram soldados alemães e déram-se terriveis desordens porque o povo soltou vivas ao rei e á Belgica e morras á Alemanha e ao kaizer. As tropas lançaram-se sobre os manifestantes prendendo algumas centenas. Imediatamente a efervescencia popular alastrou pelos *boulevards* proximos e por toda a parte soprava um vento de revolta. A multidão estava cheia de audacia e alegria, ao passo que os alemães se mostravam furiosos e mortificados. Alguns oficiaes foram insultados pelo povo. O governador Hurt, de acordo com o governador geral Bissing, adoptou severas medidas, proibindo os cafés de colocarem mezas nos passeios e castigando os donos dos estabelecimentos que tinham dado aos seus mostradores um caracter muito nacional. Além disso, puniu a municipalidade de Bruxelas com uma multa dum milhão de marcos. A carta do general Hurt anunciando este castigo foi afixada em toda a cidade de Bruxelas; mas, uma hora depois, mão desconhecida substituia a lapis azul o *H*, letra inicial do nome Hurt, pela letra *F*. e toda a população ria a bom rir porque em flamengo, *Furt* significa a famosa palavra que, em Waterloo, celebrizou Cambronne.

DESASTRE

Na quinta do Casainho para onde tinha partido a passar uma temporada com seu filho, sr. Antonio Coelho, fraturou o braço direito em virtude duma queda, a sr.ª D. Filomena da Cunha Coelho.

Encontra-se em tratamento não inspirando o seu estado quaisquer receios.

Notas mundanas

Com sua familia encontra-se desde a semana passada a passar as férias em Abrunhosa, o sr. dr. Gama Regalão, meritissimo juiz de direito da comarca de Aveiro.

✠ *Estão em Espinho o nosso apreciavel colaborador Humberto Beça e o sr. Antonio Tavares Coutinho, de Macieira de Cambra.*

✠ *Chegaram á Costa Nova do Prado os srs. dr. Simão José, delegado do Procurador da Republica em Moimenta da Beira e senador, e seus irmãos Francisco e Antonio Felizardo, acompanhados das respectivas familias; o sr. Domingos Cerqueira, inspector escolar; José Guerra, escrivão em Monchique; Eduardo Ançã, secretário de Finanças em Reguengos; dr. Alberto Lemos, de Alquerubim; João de Oliveira Frade, professor em Fafe; Domingos Rei Neto, de Ilhavo e o velho habitué padre Alexandre de Carvalho.*

✠ *Para a praia de S. Jacinto seguiu, com sua familia, o sr. João Maria Pereira Campos.*

✠ *De passagem para a Curía esteve ontem em Aveiro, o sr. dr. Eduardo Silva, professor do liceu.*

✠ *Está na Torreira o sr. Luiz Fernandes Lima, da Quintã do Loureiro.*

✠ *Adoeceu a esposa do sr. Ernesto Prazeres, chefe dos serviços telegrafo-postaes no distrito de Aveiro.*

✠ *Partiu para Oliveira de Frádes a esposa do conceituado farmaceutico sr. Alfredo Osorio.*

✠ *Melhorou algum tanto nos ultimos dias o ilustre professor do liceu sr. dr. José Rodrigues Soares, por cujo rapido restabelecimento fazemos votos.*

PELA IMPRENSA

"O Benaventense,,

Completou 19 anos de existencia este nosso estimado colega, um dos mais antigos paladinos da democracia.

Fundado pelo velho e intransigente republicano Anselmo Xavier, falecido ha dois anos, *O Benaventense* é hoje dirigido por outro jornalista dos antigos tempos da propaganda que muito tem trabalhado não só pelo ideial que floresceu em 5 de Outubro como uma esperança, mas ainda por todos os principios de Verdade e Justiça que lhe andam adstritos e aos quaes o *Benaventense* consagra verdadeiro culto.

A Neves de Carvalho, digno continuador das tradições do prestigioso filho de Benavente, que foi Anselmo Xavier, as homenagens a que tem incontestavel direito pela entrada do seu querido jornal no 20.º ano, que oxalá possa vencer, com muitos mais, sem dificuldades nem desgostos.

"Correio de Vagos,,

Comemorou tambem o 9.º aniversario o orgão do partido evolucionista de Vagos, ao qual enviâmos os nossos cumprimentos.

"Catorze de Maio,,

Assumiu a direcção do jornal dos centros e grupos civis de defeza da Republica, que se publica em Lisboa, o conhecido jornalista Bartolomeu Severino.

Escola Industrial

Está aberta a matricula na Escola Industrial e Comercial Fernando Caldeira, tanto para o curso do comercio como para o de desenho, desde 10 do corrente até 8 de outubro proximo.

Ao Povo Português

O 6.º manifesto da Junta Patriotica do Norte

Concidadãos!

Nenhum povo tem na Africa a tradição gloriosa e permanente que ali firmâmos. Nenhum.

O proprio Cecil Rhodes, tão justamente cognominado o *Napoleão do Cabo*, esse homem de imaginação e de acção, mistico realista, ultimo dos conquistadores—não conseguiu realisar o seu sonho de pintar de vermelho a maior parte da carta do continente africano, porque um pequeno povo, o povo português, a marcára antes com os padrões da sua conquista e a abrangera com a sua eficaz influência.

Não podemos—nem queremos!—viver apenas da acção do passado: pretendemos reclamar para nós a parte que legitimamente nos pertença na civilisação de extensas terras onde nos cumpra firmar uma nova Patria, que seja a continuação da nossa velha e gloriosa Patria.

O braço português não póde limitar-se a arrancar do sólo uberrimo as riquezas naturais que ele encerre. Ao lado dêsses milhões de portuguêses que ali nasceram, sob o nosso dominio, é preciso que coloquemos alguns milhões mais de gente culta, de gente profissionalmente preparada para realisar, pelo menos, as primeiras transformações das preciosas e variadas materias que constituem a produção africana.

A chave da utilisação economica é, porêm, lá como cá, a multiplicação dos meios de transporte, sem os quais falham as melhores iniciativas e fracassam os mais seguros planos. Os caminhos de ferro são, incontestavelmente, as arterias que levam o sangue vivificador a todo o organismo economico e tem esse o segredo da colonisação de povos que tem creado nas suas possessões vastos campos de expansão para a sua vida nacional. As linhas de navegação são os nervos que comunicam energias e levam de continente para continente o que a produção consegue realisar.

Sabemos já o que valem os territorios portuguêses em Africa; conhecemos as riquezas do sólo e não nos são estranhas as do subsólo; mas não as temos explorado por fórma a integra-las devidamente nesse *Portugal maior* que deve constituir objecto querido e persistente das nossas melhores aspirações.

A guerra actual veio mudar o aspecto da questão. A paz ha-de trazer aos aliados a faculdade, transformada em dever, de conquistar para uma civilisação fundada na liberdade e no Direito—uma civilisação diversa da teutonica—tantos territorios que a Germania parecia reservar para sua exclusiva vassalagem, como se a ela devesse pertencer, no futuro, o exclusivo da expansão comercial e industrial.

A guerra prova-lhe que se enganou redondamente. Resta aos aliados provarem, depois da paz, que a mesma energia com que, unidos, se bateram nos campos de batalha, é capaz, acabada a guerra e sempre unidos, de operar prodigios na obra da reconstituição que, a seguir á horrenda conflagração, se impõe aos povos verdadeiramente cultos.

Não estaremos isolados nessa grandiosa empreza. A guerra intensificou alianças, promoveu acordos que nos permitem realisa-la sem receio de represalias, de despeitos, de direitos ofendidos.

E' complexo o problema? E', sem duvida. Não envolve apenas uma tecnica superior: reclama larga expansão de crédito, em harmonia com as mais modernas fórmulas. Oiçam isto os nossos industriais, os nossos capitalistas.

Desta arte, valorisaremos os vastos territorios que nos pertencem e abriremos largo campo á actividade e iniciativa de alguns milhões de compatriotas. Não se compreende que apenas algumas centenas de portuguêses procurem, em cada ano, as nossas possessões da Africa, onde existem regiões da mais facil adaptação, ao passo que muitas dezenas de milhares, vão instalar-se na America, por vezes nas mais desfavoraveis condições.

Creêmos para isso a navegação portuguêsa para a Africa. Nunca nos apareceu oportunidade tão favoravel como a atual.

Concidadãos!

A guerra vai mudar a face de uma grande parte do mundo. Não sofre duvida.

Pois bem: tenhâmos todos nós olhos fitos no futuro da nossa *Africa* e contribuamos cada qual na medida das suas forças e em harmonia com a situação social, para que possa dizer-se da Africa portuguêsa o que lord Milner disse da nova frase do imperio britanico:—*A guerra é o fogo em que se transformaram as substancias duras e refractarias em um corpo politico vivo.*

Dentro da guerra armada, está-se preparando a luta economica que hade suceder se e que constituirá a principal caracteristica da paz.

Contribuamos todos para o grande e proficuo trabalho da fusão da metropole portuguêsa com as suas colonias!

Quem fez o Brazil póde muito bem fazer a Africa!

Em Verdemilho

A'manhã, depois e ao outro dia realisa-se na pitoresca e vasta quinta dos nossos amigos Lebres a tradicional festa da Senhora das Dôres, que costuma atraír larga concorrencia de forasteiros, vindo alguns de bastante longe para o que se servem de todos os meios de transporte—carros, bicicletes, caminho de ferro, automoveis, etc.

Como de costume, haverá uma deslumbrante vespera com iluminação á Veneziana, fogo do ar confeccionado por um distinto pirotecnico do norte e musica, estando portanto assegurada uma bela noite como inicio do brilhante exito que estes festejos anuais costumam ter.

A Companhia Portuguêsa dos Caminhos de Ferro alem doutras concessões que estabelece nestes dias aos passageiros, determinou que o comboio n.º 9, que parte de Lisboa-Rocio ás 19 horas do dia 9 faça serviço de *tramway* entre Aveiro e Estarreja com paragem nos apeadeiros de Canelas e Salreu, o mesmo acontecendo com a Companhia do Vale do Vouga que tambem estabelece bilhetes a preços reduzidos na sua linha e alguns comboios especiaes.

Se o tempo se conservar como tem estado, é de presumir uma larga concorrencia durante os indicados dias a Verdemilho, um dos mais lindos sitios dos arrabaldes de Aveiro.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

A pena de morte

Quando ultimamente no Congresso se discutiu o restabelecimento, entre nós, da pena de morte, durante a existencia da guerra, aludiu o deputado Alfredo de Magalhães a cartas que sobre o assunto escrevera Victor Hugo a alguns dos mais distintos jornalistas dessa época. E de facto assim sucedeu.

Quando em 1867 foi dos nossos codigos abolida tal pena, o falecido jornalista Brito Aranha escreveu a seguinte carta a Victor Hugo, dando-lhe conta da humanitária conquista:

Lisboa, 27 de Junho de 1867

A Mr. Victor Hugo.—Acabamos de alcançar um grande triunfo, ou, melhor ainda, a civilisação deu um passo gigantesco e o progresso alcançou mais um solido alicerce! A luz raiou mais viva e as trevas recuaram.

A Humanidade obteve uma vitória imensa. As nações prestarão, sucessivamente, homenagem á verdade, e os povos aprenderão a conhecer os seus verdadeiros amigos, os verdadeiros amigos da Humanidade.

Mestre: A vossa voz, que se faz prontamente ouvir sempre que é preciso defender algum grande principio, trazer a lume alguma grande ideia, exaltar as mais nobres acções; a vossa voz que jámais se fatiga em advogar a causa do oprimido contra o opressor, do fraco contra o forte; a vossa voz, que é escutada com respeito de Oriente a Ocidente, e cujo éco se repercute até aos mais reconditos recessos do Universo; a vossa voz que tantas vezes se elevou, forte e vigorosa, terrivel, como a de um protentoso proféta da Humanidade, chegou até nós, foi aqui compreendida, falou aos corações e traduziu-se num grande facto, aqui, neste recanto, quasi invisivel, mas abençoado, da Europa, microscopico em relação ao mundo, nesta terra do extremo Ocidente, outr'ora tão célebre, que soube inscrever paginas inapagaveis na historia das nações, que abriu os portos da India ao comercio do mundo, que desvendou regiões desconhecidas, cujos altos feitos estão hoje quasi esquecidos e como que apagados pelas modernas conquistas da civilisação, neste país, enfim, que se chama Portugal.

Porque não se levantariam os pequenos e os humildes, quando o seculo XIX vai já quasi chegando ao termo, para gritar aos grandes e aos poderosos:—A Humanidade géme, regeneremo-la! A Humanidade agita-se, acalmemo-la! A Humanidade vai despenhar-se no abismo, salvêmo-la!

Porque não poderiamos pequenos mostrar aos grandes o caminho da perfeição? Porque não poderiam eles, porque são pequenos, ensinar aos grandes o caminho do dever?

Portugal é um país pequeno, sem duvida, mas a arvore da Liberdade já nele se acha vigorosamente enraizada; Portugal é um país pequeno, é certo, mas não se encontra aqui um unico escravo; Portugal é, na verdade, um país pequeno, mas—vós proprio o haveis dito—é uma grande nação.

Mestre! Acabamos de alcançar um grande triunfo! Eu vo-lo anuncio: As duas câmaras legislativas aprovaram a abolição da pena de morte!

Esta abolição, que ha já anos existia de facto, é-o hoje de direito. E' lei. E uma grande lei numa nação pequena. Nobre exemplo, Santa lição!

Receba o abraço respeitoso do seu dedicado amigo e humilimo discipulo.—*Pedro Brito Aranha.*

O genial poeta respondeu com as seguintes palavras:

Hauteville-House, 15 de Julho de 1867

Ao sr. Pedro de Brito Aranha.—Fez me pulsar o coração a sua carta.

Já sabia a grande nova, e foi-me grato de lhe receber o éco simpatico, por seu intermedio.

Não! Não ha povos pequenos: O que ha é homens pequenos!

E, algumas vezes, são estes os que governam os grandes povos.

Os povos que teem despotas, parecem leões açaimados.

Amo e glorifico o seu belo e querido Portugal. E' livre e por tanto, é grande.

Portugal acaba de abolir a pena de morte.

Atingir este progresso, é dar o grande passo da civilisação.

Desde hoje, Portugal está á frente da Europa.

Vós, os portuguêses, não haveis cessado de ser navegadores intrépidos. Ides sempre para a frente, outr'ora no Oceano, hoje na Verdade. Proclamar principios é ainda mais belo do que descobrir mundos.

Exclamo:—Gloria a Portugal! E a si: Felicidade.

Aperto a sua mão cordial.—*Victor Hugo.*

A proposito dum folhetim que nessa época publicou o falecido jornalista Eduardo Coelho, intitulado—*O ultimo Carrasco*—quando da abolição da pena de morte, recebeu de Victor Hugo tambem a seguinte carta que, como a anterior, bem merece o respectivo registo nas nossas humildes colunas:

Hauteville-House, 2 de Julho de 1867

Está, pois, a pena de morte abolida nesse nobre Portugal, pequeno povo que tem uma tão grande historia! Penhora-me a recordação da honra que me cabe nessa vitória ilustre. Humilde, operario do progresso, cada novo passo que ele avança me faz pulsar o coração. Este é sublime. Abolir a morte legal, deixando á morte divina todo o seu direito, e todo o seu misterio, é um progresso, augusto entre todos. Felicito o vosso parlamento, os vossos pensadores, os vossos escritores e os vossos filosofos! Felicito a vossa nação. Portugal dá o exemplo á Europa. Disfrutai de antemão essa imensa gloria. A Europa imitará Portugal. Morte á morte! Guerra á guerra! Odio ao odio! Vida á vida! A liberdade é uma cidade imensa da qual todos nós sômos cidadãos. Aperto-vos a mão como a meu compatriota na humanidade, e saudo o vosso generoso e eminente espirito.—*Victor Hugo.*

Operarios portuguêses
PARA
FRANÇA

O *Seculo* da noite de anteontem publica o seguinte:

Parece estar resolvida em todos os detalhes a questão da ida para França de 10:000 operarios portuguêses. A proposta que nesse sentido foi apresentada ao govêrno português sofreu modificações, que melhor garantem a assistencia aos nossos operarios. O recrutamento far-se-ha em condições que não trarão prejuizo á actividade nacional, a assistencia aos emigrantes será cuidadosa e ficou tambem assegurada a sua repatriação. E' de crêr que comece em bréve a partida de operarios contratados para França; e decerto do aproveitamento que eles tiverem lá fóra, apreciaveis vantagens resultarão mais tarde para o país.

O que não nos diz ainda o citado jornal, são as condições exigidas para esse fim, mas por certo não tardará a ser do conhecimento dos interessados.

Visitantes

Aveiro tem sido ultimamente muito passeado por *touristes* a maior parte dos quaes se servem dos seus automoveis e outros dos das *garages* da cidade para percorrerem os pontos principaes e respectivos arrabaldes, como Barra, Costa Nova, Ilhavo, Vista-Alegre, Angeja, margens do Vouga, etc., etc.

Os estabelecimentos teem feito, por isso, larga venda de bilhetes postaes ilustrados, sendo porém de lamentar que ainda não tenham aumentado as colecções com novos assuntos dignos de reprodução e de figurarem no album das lembranças.

Até a cidade lucraria se tal acontecesse.

VENDAVAIS

Ante-ontem, ontem e esta madrugada o nordéste fez-se sentir com tamanha violencia entre nós que a algumas pessoas antigas lhe ouvimos dizer que não ha memoria duma coisa assim.

Derrubou bastantes arvores e telhados houve que, não pudendo resistir á furia das investidas, voaram a grandes distancias, causando os correspondentes prejuizos aos donos dos predios.

Em compensação teem os *marnotos* feito bôa colheita de sal cuja produção se havia atrazado com o tempo, improprio desses trabalhos.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Historia da Guerra Europeia

Recebemos os tomos n.os 25 e 26 desta interessante publicação, que continuamos a recomendar, não só por estar habilmente elaborada mas tambem pelo relativo luxo da edição.

Além duma linda capa a côres encerra o caderno e nitidas gravuras com varios dos seus aspectos, não se podendo exigir mais da louvavel iniciativa da casa editora que é a *Tipografia Gonçalves*, de Lisboa.

Os pedidos podem ser feitos em qualquer livraria ou então para a Rua do Mundo, 14, donde serão remetidos quaesquer volumes, franco de porte.

VINHOS DO PORTO

Experimentem os da casa

Rodrigues Pinho

—DE—

VILA NOVA DE GAIA

(Porto)

Pois são dos melhores que ha

O fino **Moscatel velho** ou o vinho superior

Regenerante

Anuncios

Vende-se

terreno muito bem situado para uma casa. Tratar com Gil Ferreira da Silva, cortador—Aveiro.

Edital

Antonio Felizardo, Presidente da Comissão Concelhia da Administração dos Bens do Estado, no concelho de Aveiro:

FAÇO saber que no dia 30 de Setembro corrente, por 13 horas e no edificio da Administração do Concelho, se ha de proceder, em hasta publica, ao arrendamento dos seguintes bens, para o ano agricola de 1916 a 1917 (1 de Outúbro de 1916 a 30 de Setembro de 1917):

Freguezia de Aradas

(*a*) Passal junto á Quinta da Boa-Vista, base de licitação (de 1 de Dezembro de 1916 a 30 de Novembro de 1917)... 50$00

(*b*) Casa da residencia paroquial e terreno junto, no Outeirinho, base de licitação............ 17$50

Freguezia de Cacia

(*c*) Todo o passal, casa de residencia em ruina e quintal anexo, base de licitação............ 69$10

Freguezia de Eirol

(*d*) Quintal anexo á residencia paroquial, base de licitação.......... 2$50

Freguezia de Esgueira

(*e*) Casa da residencia paroquial e quintal anexo, base de licitação...... 35$00

Freguezia da Oliveirinha

(*f*) Casa da residencia paroquial e quintal anexo, base de licitação...... 20$00

Freguezia de Requeixo

(*g*) Passal da freguezia, base de licitação...... 8$50

CONDIÇÕES

(*a*) O arrendamento começará em 1 de Outubro de 1916 e terminará em 30 de Setembro de 1917, excepto para o primeiro predio.

(*b*) O pagamento das rendas será feito no dia 1.º de Outubro de 1917, devendo os arrendatarios dar fiador idónio no acto da arrematação.

(*c*) O arrendatario não poderá cortar arvores ou fazer quaesquer modificações sem auctorisação da Comissão, não tendo direito a indemnisação por bemfeitorias que não sejam legalmente auctorisadas.

Aveiro, 2 de Setembro de 1916.

O Presidente da Comissão,

Antonio Felizardo

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro,, ou "sobrinho do Milheiro,,

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

Casa

VENDE-SE uma de dois andares na rua Manuel Firmino.

Para tratar com Antonio Augusto da Silva, mestre de obras.

AGUA

Caldas Santas

DE

Carvalhelhos--Traz-os-Montes

Infalivel nas molestias de pele: **ulceras, eczemas, pseriasis, etc.**, que não admite confrontos.

Curas maravilhosas.

Efeitos assombrosos nas manifestações artriticas: **rins, bexiga, intestinos, figado e estomago.**

Grande dissolvente do acido urico. Magnifica agua de mesa.

Vende-se em caixas, garrafas de litro e quarto, garrafões e ao copo.

Depositario unico no distrito

Casa da Costeira

Souto Ratola—AVEIRO

Ervanario Aveirense

DE

Joaquim M. Luz & Filho

PRAÇA DA REPUBLICA, 1

Sucursal do Ervanario Portuense

A primeira casa de plantas medicinais que se fundou no Porto em 1910, na rua do Bomjardim, n.º 520-522-loja.

As casas que melhor fornecem plantas medicinais para a cura de variadissimas doenças.

MANUEL Joaquim Ribau, com prática de ensino e com o curso secundário, lecciona para o exame de admissão ás Escolas Normais.

R. dos Tavares, n.º 1.

Agua da fonte de Sula

(BUSSACO)

Em garrafões de 5 litros. $15

Água da Curía

Em garrafões de 5 litros. $35

DEPOSITARIO

Bernardo Torres

AVEIRO

Santuario

VENDE-SE um santuario, estilo manuelino, verdadeira obra de arte, que se acha exposto no Museu Regional de Aveiro, onde póde ser visto.

Trata-se com Sisnando Maia—GUARDA.

Internato Particular Femenino da Olaria

OVAR

Reabre no dia 9 de Outubro de 1916

Recebe alunas internas, semi-internas e externas.

Lecciona portuguez, francez, inglez pratico e teorico, piano e lavores.

A Directora,

Anatilde Duarte Silva

Vinho

O dr. Manuel Marques Vidal, de Pedações, Agueda, vende a preço rasoavel, juntas ou separadas, 15 pipas de excelente vinho da sua produção, de 10º a 11º.

SALÃO MOZART

P. SANTOS & C.ª

PIANOS

ORGÃOS

Instrumentos Musicas

RUA IVENS 52 54

LISBOA

Grande deposito de pianos das marcas *Weber-Farrand* e *Dawson* e bem assim PIANOLA, PIANOLA-PIANO e *Orgãos*.

A *Pianola* é nada menos do que um organismo, cujo fim é substituir os dedos humanos na arte de tocar piano, pois esta exige largos e muito penosos estudos.

A *Pianola-Piano* é um piano tendo interiormente aplicada a *Pianola*, podendo assim ser tocado com os dedos como qualquer piano vulgar, ou por intermedio da *Pianola*, cuja execução se obtem por meio de pedalagem.

Representante neste distrito

Baptista Moreira

RUA DIREITA, 72-A E 72-B—**AVEIRO**

Deposito de musicas e acessorios por preços sem competencia

VENDAS A DINHEIRO

Grandes armazens

—DE—

adubos quimicos

Solfato de cobre—Enxofre—Prensas para lagares—Esmagadores de uvas

ADUBOS COMPOSTOS

Arames zincados—Cimentos: TEJO e MONDEGO

Peçam preços antes de comprar a

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

VENDAS A DINHEIRO

"Atlantica,,

COMPANHIA DE SEGUROS

Telefones:

Telegramas: "Atlantica,, — **Direcção 1:986** — **Expediente 1:306**

Receita durante o corrente ano até esta data, Esc... 133.746$84,5

Sinistros pagos no corrente ano até esta data, Esc... 42.555$99,5

Séde--Loyos, 92--PORTO

Delegações em Lisboa, Açôres, Madeira e Cabo Verde.

Agencias geraes em Londres e no Havre.

Seiscentos correspondentes no país.

Seguros contra incendio e roubo.

Seguros contra *Gréves* e Tumultos, assaltos, roubo, incendio e damnos provenientes dos mesmos.

Seguro contra guerra, bombardeamento e perturbações civis.

Seguros contra prejuizos resultantes de guerra civil e poder militar usurpados ou não.

Seguros agricolas, *postaes e quebra de vidros.*

Seguros maritimos contra avaria grossa, particular, roubo, québra ou derrame.

Seguros de guerra

Esta Companhia tem contratos de reseguros com Companhias inglezas, francêsas, holandezas e dinamarquezas, trabalhando nos mercados estrangeiros o que a habilita a fazer premios mais baratos que as outras Companhias.

Banqueiros: J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Joaquim Pinto Leite F.º & C.ª

Agente em Aveiro:

ANTONIO MARQUES DA CUNHA

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

—DE—

JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos convencionaes. Manda amostras e preços a quem os requisitar.

Oficina de serralheria

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

RICARDO MENDES DA COSTA

Rua da Corredoura

AVEIRO

N'esta oficina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Dilnidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das agua.